

A BATALHA DE

CAM SALÁ



*Mandinga não estragues o meu milho!
Se o estragas fujo para Firdu
onde te custará fazer a guerra.
Aqui no Gabu tens vida agradável
e podes usar calções largos.*

(Estribilho da canção intitulada «Chedo») ¹

Os mandingas senhores do Gabu procediam de modo tão insensato para com os fulas estabelecidos na região, que estes tinham todos os motivos para se sentirem descontentes.

Não só a tributação paga em cabeças de gado era exagerada, mas também os senhores mandingas, quando chegavam às «moranças» fulas, levavam os seus cavalos aos celeiros, onde os animais comiam os cereais armazenados.

Os fulas, desanimados, ameaçavam fugir para o Firdu onde se acolheriam à protecção do rei daquele país, Alfá Moló, e diziam aos seus opressores ser preferível eles continuarem a usar os grandes calções próprios das festas dos tempos de paz do que terem de recorrer a uma guerra de resultado incerto.

Os senhores mandingas não tomaram a sério estas razões e os fulas, tendo recebido auxílio dos seus irmãos do Futa Djalon, desistiram de fugir para Firdu e decidiram lutar pela independência. Unidos aos futa-fulas e valendo-se da supremacia do número, derrotaram os mandingas em Beré Colon.

Nas lutas que se seguiram, quase sempre com desvantagem para os mandingas, estes viram cada vez mais reduzida a área do seu domínio, que acabou por confinar-se à região de Cam Salá, cujo

régulo, Djanqué Uali Sané, era guerreiro de uma bravura intemerata.

Preparou Djanqué a defesa do seu último reduto e, sabendo que os fulas lhe dariam pouco tempo de tréguas, fortificou rapidamente a sua «tabanca» e mandou comprar pólvora a todos os comerciantes brancos dos territórios vizinhos (portugueses, franceses e ingleses).

Quando, depois de ter desprezado todas as propostas para se converter à fé islâmica (condição exigida pelos fulas para o deixarem em paz) soube que um grande exército se acercava de Cam Salá, mandou seu sobrinho Turá Sané averiguar o número aproximado dos seus inimigos.

Partiu Turá em reconhecimento e, quando numa vasta planície avistou os invasores, não pôde fazer ideia da sua quantidade, porque eles eram tantos que os seus olhos não alcançavam o fim. Pôs-se de pé em cima do cavalo e o resultado foi o mesmo.

Voltou então para junto do seu tio e, quando este perguntou quantos eram os fulas, encheu de areia um grande pano e apresentou-o à Djanqué, dizendo-lhe:

— Conta os grãos de areia que aqui estão e saberás o número dos fulas.

O régulo ficou irritado com a resposta e chamou-lhe exagerado e medroso.

Quando começou a discussão sobre a maneira de conduzir o combate, que calculavam ser já no dia seguinte, Turá e o tio não estiveram de acordo, pois o rapaz pedia muita pólvora e Djanqué queria poupá-la, preferindo que os mandingas combatessem à espada em que eram individualmente muito superiores aos adversários.

No mais aceso da discussão, Djanqué gritou:

— Se me pedes mais pólvora, mato-te.

— Pois se não me dás pólvora, vou-me embora, porque não quero assistir ao fim da nossa raça — respondeu-lhe o sobrinho.



Furioso, o régulo quis matar o rapaz, dizendo que não podia suportar que um homem do seu sangue fosse um covarde, mas um velho «judeu», para o dissuadir disso, observou-lhe:

— Estás enganado. Turá não é do teu sangue. A mulher do teu irmão não era pessoa séria.

Ficou Djanqué mais sossegado com a explicação do bardo e, mandando abrir as portas da «tabanca» fortificada, trovejou apontando o sobrinho:

— Todo aquele cuja mãe seja da qualidade da deste covarde, pode sair.

Com estas palavras limitou o número daqueles que acompanharam Turá e ficou certo de que os que ficaram estavam dispostos a morrer.

Nessa noite, os «judeus», nas suas canções, lembraram a Djanqué toda a sua vida guerreira que culminara com a fundação de Cam Salá. Emocionado pelas recordações da sua glória passada, o régulo jurou que morreria na sua «tabanca» se a sorte não o favorecesse no próximo combate.

No outro dia, de manhã cedo, começou o ataque dos fulas que, fazendo uso de escadas, tentavam entrar na fortaleza. Os experimentados guerreiros mandingas cortavam cabeças em tão grande número que, para não serem incomodados pelo sangue que secava nas suas mãos, as metiam de vez em quando em caldeirões de água quente.

Os mortos futa-fulas amontoavam-se em tal quantidade junto às paredes exteriores da fortaleza que as escadas já eram desnecessárias. Mas por cada um que morria, dez outros se apresentavam no alto da muralha.

A certa altura os «batulás» de Djanqué avisaram-no de que era impossível evitar a entrada do inimigo na «tabanca», pois os guerreiros mandingas já tinham os braços cansados de tanto matar e o ataque fula não afrouxava ?

Então o régulo mandou abrir o paiol da pólvora e disse aos «batulás»:

— Deixem entrar os fulas. Esta «tabanca» chamava-se Cam Salá. Agora passará a chamar-se Turo Bã (acabou a semente) porque aqui será o fim de fulas e mandingas.

Depois, rodeado das suas mulheres, preparou-se para fazer explodir a pólvora, esperando somente que entrasse o maior número de fulas na fortaleza. A certa altura, um dos inimigos conseguiu chegar junto das mulheres do régulo e agarrar o braço de uma delas, mas Djanqué cortou-lhe a cabeça.

A mulher lastimou-se: — Eu sei que vou morrer, dizia ela, mas custa-me levar para o outro mundo cheiro de fula.

O marido ainda teve presença de espírito para mandar lavar o ponto em que o soldado tocara.

Finalmente, quando já não havia mais nada a esperar, Djanqué Uali deitou fogo à pólvora e, numa explosão tremenda, sucumbiram os fulas e os mandingas que se encontravam dentro da «tabanca». Somente uma menina foi projectada para muito longe. Havia de ser alguns anos depois a mãe de Alfá Iáíá, rei de Labé³.

Assim acabava o domínio mandinga no Gabu, mas as perdas dos futa-fulas haviam sido tão horrorosas, que o «marabú» que os acompanhara e dissera que a empresa seria fácil teve vergonha de voltar ao Futa Djalón e pediu a Deus que o transformasse em árvore.

A menos de quinhentos metros das ruínas de Cam Salá encontra-se uma grande árvore solitária, de uma espécie a que os mandingas chamam *sotô*⁴. É o «marabú» do Futa.

¹ «Chedo», em idioma fula, significa mandinga, que é a palavra com que abre a canção.

² Batulá significa grande guerreiro e conselheiro militar.

³ Vejam-se as lendas intituladas «A conquista francesa do Futa Djalón» e «A deposição de Alfá Iáíá». Ainda que Alfá Iáíá fosse fula por seu pai (e é o pai que define a raça, quer entre fulas, quer entre mandingas) ele foi muito mais estimado entre os mandingas, a cuja etnia pertencia sua mãe.

⁴ A batalha de Cam Salá foi travada em 1866, perto de Pirada, no actual Concelho de Gabu.